

Sessão Coordenada 31 - **COMUNIDADES DE DIÁLOGO: A CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA EM HISTÓRIA DA PSICOLOGIA**

TEORIA CRÍTICA EM PSICOLOGIA SOCIAL BRASILEIRA: DA INSERÇÃO AOS CAMINHOS PERCORRIDOS. *Tiago Lopes de Oliveira (Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP – Núcleo de Estudos em História da Psicologia - NEHPSI)*

Durante minha formação como pesquisador, em todo o período que cursei o Mestrado em Psicologia Social (2004/2008) e o Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade (2008/2013) ambos na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mantive contato com a denominada Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Nesse período também cursei uma série de disciplinas que tinham como temática principal as discussões propostas pelos autores da Escola de Frankfurt. Pude constatar a importância dessa corrente de pensamento para as mais diversas áreas do conhecimento, mas em especial, para a Psicologia Social. Constatei também que faltam estudos que investiguem, a partir de uma perspectiva histórica, a inserção dessa escola de pensamento nas Ciências Humanas e Sociais em geral, e também nesse caso, em especial na Psicologia Social. Para entender como ocorreu o processo de desenvolvimento da Teoria Crítica no campo da Psicologia Social, é essencial seguir os caminhos que essa escola de pensamento percorreu desde sua chegada ao Brasil. Desse modo, considera-se interessante a realização de uma pesquisa com a atenção especificamente voltada para compreender a inserção da Teoria Crítica na Psicologia Social no Brasil. Para isso, faz-se necessário esclarecer as atuais relações estabelecidas entre a Escola de Frankfurt e a Psicologia Social brasileira. Esta pesquisa é realizada a partir de uma perspectiva histórica em estudos de Psicologia. Desta perspectiva, interessa investigar: i) como ocorreu a inserção da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt na Psicologia Social no Brasil; ii) quais as principais características dessa inserção. A intenção desta apresentação é revelar e discutir elementos importantes que ajudam a escrever a história da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt na Psicologia Social Brasileira a partir dos resultados obtidos por meio: a) de uma revisão bibliográfica com o intuito de situar os principais estudos – artigos, livros, teses e dissertações – que utilizam a Teoria Crítica como referência teórica principal na Psicologia Social; b) da localização, a partir dos estudos encontrados, de pesquisadores e professores que têm papel importante na inserção da Teoria Crítica na Psicologia Social do Brasil. Além disso, também faz parte desta apresentação a exposição de um mapa das instituições onde são desenvolvidas pesquisas com o aporte teórico da Teoria Crítica no campo da Psicologia Social, bem como a identificação dos principais objetos de estudo analisados a partir desse referencial teórico. O presente estudo de pós-doutoramento é desenvolvido com Bolsa CAPES/PNPD no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Teoria crítica; História; Psicologia Social brasileira

Pesquisador - P

HIST - História em Psicologia

FENOMENOLOGIA E CIÊNCIAS COGNITIVAS: RECEPÇÃO E DIÁLOGOS NA PSICOLOGIA BRASILEIRA. *Thiago Gomes de Castro (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS),*

As relações entre fenomenologia e ciências cognitivas têm sido intensamente debatidas na literatura internacional desde o início da década de 1990. A presente pesquisa histórica analisa as condições e contextos epistemológicos do diálogo, bem como sua baixa receptividade na psicologia brasileira. Para tanto descreve os principais eixos de composição de dois projetos de naturalização da fenomenologia nas ciências cognitivas, contrastando as críticas e defesas pela naturalização. A seguir aborda os principais argumentos contrários à recepção da fenomenologia naturalizada em território nacional, situando o argumento no histórico de apropriações da fenomenologia pela psicologia brasileira. Nesse momento, ilumina-se a raiz humanista-existencial da psicologia fenomenológica brasileira como ponto central de resistência à recepção da nova literatura. Problematisa-se, contudo, a veia humanista-existencial diante de relatos de historiadores e precursores do campo. Nesse tocante, exploram-se os relatos de Penna e Engelmann sobre a recepção inicial da fenomenologia na psicologia. Indica-se que, embora o pensamento humanista-existencial seja prevalente na associação com a fenomenologia no Brasil, ocorre uma importante relação de proximidade entre fenomenologia e psicologia experimental de origem gestáltica, quando da sua recepção por psicólogos e médicos brasileiros. Outra fonte de compreensão da genética da psicologia fenomenológica brasileira pode ser encontrada na referência preponderante dos textos tardios de Husserl em países latino-americanos. Momentos iniciais do trabalho do filósofo, ou o estudo sistemático do seu diálogo direto com a psicologia são relegados ao segundo plano. Contrapõem-se a esta leitura a incorporação da fenomenologia em países anglo-saxões e mais recentemente a defesa por uma fenomenologia pragmática na França. O estudo sobre as relações entre fenomenologia e ciências cognitivas revelou que o uso do termo ‘fenomenologia’ de maneiras distintas, ora associado ao projeto estrito de Husserl ora associado a uma versão mais abrangente de fenomenologia, fomentou um consistente trabalho histórico de revisão das bases conceituais. Como resultado, a literatura internacional tem apontado diálogos frutíferos com áreas tecnológicas – como neurociências, construção de próteses e informática – a luz de uma versão de fenomenologia mais abrangente, associada a um viés experimental. Ressalta-se que embora recente, a aproximação entre fenomenologia e experimentação está na própria base da fenomenologia do século XIX, anterior a Husserl, com autores como Ewald Hering e Carl Stumpf. No Brasil, o diálogo entre ciências cognitivas e fenomenologia tem sido sustentado em poucos laboratórios de pesquisa, e com maior receptividade pelas neurociências do que pela própria comunidade fenomenológica. Repercussões das especificidades da recepção deste diálogo em território nacional são situadas no contexto da necessidade de alteração dos interlocutores como forma de manutenção do intercâmbio com a literatura internacional.

Fenomenologia; psicologia brasileira

Pesquisador - P

HIST - História em Psicologia

PARA UNA ESTÉTICA DE LA RECEPCIÓN DE LAS IDEIAS PSICOLÓGICAS.

Alejandro Dagfal (Universidade de Buenos Aires – Buenos Aires/Argentina)

El objetivo de este trabajo es abordar algunas cuestiones metodológicas que plantean las historias de la psicología realizadas en los países llamados periféricos. En particular, la posición no central de estos últimos pone a menudo de relieve el problema fundamental de la recepción de las ideas acuñadas en los centros de mayor producción teórica. Sin embargo, ¿se trata de una mera copia, de una asimilación pasiva de influencias remotas? Para responder a este interrogante, haremos un breve repaso de la noción de recepción, tal como fue concebida por la teoría de la comunicación literaria de Hans Robert Jauss (inscripta en la tradición hermenéutica alemana), y tal como ha sido utilizada en los últimos años en la historiografía de la psicología argentina. Finalmente, a través de un ejemplo, trataremos de mostrar el provecho que implica adoptar la categoría de recepción, articulándola a otros conceptos propios de enfoques histórico-críticos, como los de interés intelectual, problemática y campo. En una historia de la psicología hecha desde la periferia, en la que aparentemente no hay más que copia o, en todo caso, un collage ecléctico de ideas ya concebidas, el interés reside justamente en mostrar cómo, detrás de esas supuestas copias o detrás de esas yuxtaposiciones carentes de valor se esconde todo un horizonte de expectativas radicalmente distinto del de la obra de origen, enlazado a una problemática sociohistórica compleja y singular. Y es justamente este horizonte de expectativas que es importante reconstruir, esas problemáticas a las que dan respuesta los objetos teóricos que es necesario desmenuzar para restituir al proceso de recepción su carácter activo. A partir de allí podrán entenderse operaciones de lectura que, en otro tiempo o en otro lugar habrían resultado descabelladas, omisiones imperdonables o sincretismos que habrían parecido ridículos. Para concluir, podríamos agregar que una historia pensada solamente con las categorías del centro y del presente no puede sino encontrar que los hechos históricos de la periferia están fuera de lugar o fuera de época, y en consecuencia se contentará con explicarlos en virtud de un inefable «espíritu» de los tiempos, de un retraso previsible o de un clima de ideas particular de ese lugar determinado. Sin embargo, este desfase sólo podrá ser salvado en la medida en que la historia pueda descentrarse respecto del presente y de la perspectiva de las metrópolis para dar cuenta del carácter diferencial del tiempo y del lugar histórico, basándose en categorías que, sin dejar de ser críticas, aspiren a una cierta objetividad. En resumen, los distintos conceptos que hemos examinado, a saber, el de horizonte de expectativas, el de interés intelectual, el de campo y el de problemática, a nuestro juicio comparten algunas características comunes que los hacen provechosos para una historia de la psicología que se pretenda crítica, a saber: a) Rompen con las viejas antinomias entre lo social y lo disciplinar, lo externo y lo interno; b) Comprenden los problemas históricos en un marco transindividual e intersubjetivo; c) Aspiran a una cierta objetividad, aunque no de manera ingenua.

ideias psicológicas; historias de la psicología

Pesquisador - P

HIST - História em Psicologia



HISTORIOGRAFIA DA PSICOLOGIA BRASILEIRA: POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS DO CONCEITO DE RECEPÇÃO. *Sérgio Cirino (Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais)*

É comum constatar na historiografia, por um lado, referências a personagens, teorias, datas e eventos estrangeiros que, de uma maneira ou de outra, colaboraram para a constituição e legitimação do campo da Psicologia nos diferentes países. Por outro lado também é comum que os historiadores identifiquem processos de autonomização, a partir dos quais as influências estrangeiras ganharam contornos locais, se distanciando da matriz original. Por exemplo, podemos encontrar em Danziger descrições da dependência dos Estados Unidos à psicologia europeia no final do século XIX. Ele nos mostra ainda alguns processos pelos quais psicologia dos Estados Unidos foi se indigenizando e se tornando bastante diferente daquela psicologia originalmente importada da Europa, principalmente da Alemanha. Direção semelhante é tomada por outros autores, como Dagfal, que escrutina cuidadosamente os processos de chegada da Psicanálise na Argentina. Um conceito que tem sido usado para se referir a esse fenômeno de importação e posterior modificação local é o de “recepção”. Apesar de ser mais frequente no campo da teoria literária o conceito de recepção tem sido útil nas discussões da historiografia da psicologia. Nessa sessão coordenada pretendo refletir sobre algumas das potencialidades do conceito do referido conceito de recepção para as investigações historiográficas brasileiras atuais. Para tanto mostrarei alguns exemplos brasileiros de recepção. No primeiro, alguns episódios da recepção dos testes psicológicos no Brasil, em especial em Minas Gerais. Em outro exemplo mostrarei aspectos da recepção da abordagem Behaviorista radical Skinneriana e, num terceiro, elementos da recepção da abordagem Humanista Rogeriana. Apesar da diversidade temática, há muito em comum nesses diferentes exemplos, principalmente no que diz respeito às incorporações locais que caracterizam a recepção. Acredito que os exemplos poderão servir de base para discussões metodológicas sobre processos de recepção.

psicologia brasileira; historiografia

Pesquisador - P

HIST - História em Psicologia